



**CURSO DE PSICOLOGIA**

**SAMARA SOARES DE OLIVEIRA CHAVES**

**IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE E VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DAS  
MULHERES: ANÁLISE FÍLMICA DO FILME “A FILHA PERDIDA”**

**FORTALEZA**

**2022**

SAMARA SOARES DE OLIVEIRA CHAVES

IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE E VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DAS MULHERES:  
ANÁLISE FÍLMICA DO FILME “A FILHA PERDIDA”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ari de  
Sá.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Sernache de Castro Neves

Aprovado(a) em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Beatriz Sernache de Castro Neves  
Faculdade Ari de Sá

---

Profa. Me. Karine Lima Verde Pessoa  
Faculdade Ari de Sá

---

Prof. Me Amanda Freitas Vince Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Faculdade Ari de Sá  
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C512i Chaves, Samara Soares de Oliveira .

IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE E VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DAS MULHERES ANÁLISE  
FÍLMICA DO FILME “A FILHA PERDIDA”: análise fílmica do filme “a filha perdida” / Samara Soares  
de Oliveira Chaves. – 2022.

28 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Beatriz Sernache de Castro Neves.

1. Maternidade. 2. Subjetividade. 3. Análise Fílmica. 4. Mulher. I. Título.

CDD 150

---

IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE E VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DAS MULHERES:  
ANÁLISE FÍLMICA DO FILME “A FILHA PERDIDA”

Samara Soares de Oliveira Chaves  
Beatriz Sernache de Castro Neves

**RESUMO**

As funções do lugar social da mulher são atravessadas por expectativas criadas principalmente de uma narrativa historicamente conceituada, por crenças sobre modelos a serem seguidos, dentre elas, a maternidade. Baseado nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre a idealização da maternidade e os impactos subjetivos através da análise fílmica da representação cinematográfica do filme "A filha perdida". Dessa forma, a metodologia utilizada no presente trabalho teve como base uma análise fílmica, tendo como análise de dados a análise de conteúdo, onde se considera o filme como um relato. O filme utilizado, aborda em seu enredo questões relacionadas à maternidade, vivência da mulher, família, casamento, carreira e renúncia. Com isso, foi possível concluir durante as análises que o filme “A filha perdida” é uma ferramenta de reflexão a respeito de novas possibilidades e sentidos sobre conceitos que levam a observar padrões, para que assim possa rompê-los, principalmente referente a maternidade. Com isso, o filme serve como expositor de conteúdos latentes na sociedade, destacando-se como um instrumento que possa dar voz a vivências das mulheres, que por vezes são silenciadas, ou não tem espaço e legitimação social para o seu sofrimento.

**Palavras-chave:** Maternidade. Mulher. Subjetividade. Análise Fílmica.

**ABSTRACT**

The functions of the woman's social place are crossed by expectations created mainly from a historically conceptualized narrative, by beliefs about models to be followed, among them, motherhood. In this context, the present study aimed to analyze the relationship between the idealization of motherhood and subjective feelings through the filmic analysis of the cinematographic representation of the film "The lost daughter". Thus, the methodology used in the present work was based on a film analysis, using content analysis as data analysis, where the film is considered as a story. The film used addresses in its plot issues related to motherhood, women's experience, family, marriage, career and resignation. With this, it was possible to conclude during the analyzes that the film “The lost daughter” is a tool for reflection about new possibilities and meanings about concepts that lead to observe patterns, so that they can break them, mainly referring to motherhood. With this, the film serves as an expositor of latent contents in society, standing out as an instrument that can give voice to women's experiences, which are sometimes silenced, or do not have space and social legitimacy for their suffering.

**Keywords:** Maternity. Women. Subjectivity. Film Analysis

## 1 INTRODUÇÃO

A construção em torno das funções do lugar social da mulher passa por aspectos sociais, culturais e históricos. Dessa forma, a experiência de ser mulher é diferente a depender do contexto e da história em que está inserida. Esse lugar social impacta a experiência de diversas formas, tendo importante impacto subjetivo (JACOMINI *et al.*, 2019). A construção de representações que são compartilhadas pelo meio social, através de discursos ideológicos, é constituída por experiências individuais e coletivas e, que atingem a singularidade dos sujeitos (CAFFÉ, 2020). Portanto, a subjetividade da mulher acaba sendo atravessada por expectativas criadas principalmente de uma narrativa historicamente conceituada, por crenças sobre modelos a serem seguidos, como, por exemplo, às expectativas que destinam a maternidade. Entorno da maternidade vão se criando padrões a ser seguidos, em que coloca a mulher por vezes a seguir uma ideia do que seria viver a maternidade, como também as colocam para exercer outros papéis, como uma boa esposa e boa profissional, por exemplo (LIMA; SANTOS; BARBOSA, 2021).

A relação da maternidade associada à experiência daquelas que nascem com útero tem seu início muitas vezes no começo da vida. A partir da constituição da família nuclear e valorização do infantil na modernidade, aparece a ideia de mãe cuidadora (STELLIN *et al.*, 2011). Com isso, as mulheres passam a ser ensinadas a terem uma postura tranquila, compreensiva, terna, equilibrada e acolhedora, sobretudo com as suas bonecas, em que se dramatiza o papel de mãe, como uma espécie de treinamento para serem boas mães (AZEVEDO; ARRAIS, 2006; ROSSI; SANTOS; BRESCANSIN, 2020).

Há uma delimitação do que é a maternidade, pela sociedade e pela cultura, em que o discurso passa uma ideia de que é algo natural, instintivo e tradicional (MOURA; ARAÚJO, 2004). Dessa forma, há uma estruturação de uma visão idealizada de maternidade. Na história, o conceito do que é ser uma boa mãe foi mudando. Ideias como, amor incondicional e universal, sacrifícios e sentimentos de completude, foram sendo criados conforme a mudança dos séculos, de como que, a criação de um bebê antes era vista como trabalho de uma família, e ao decorrer dos séculos, essa responsabilidade se volta toda para a mãe biológica (AZEVEDO; ARRAIS, 2006; ROSSI; SANTOS; BRESCANSIN, 2020). Para a mulher, essa ótica pode gerar conflitos na sua vida individual. Ao ter sentimentos contraditórios que fogem da imagem idealizada sobre maternidade, a mulher que vira mãe, pode atravessar essa experiência com bastante sofrimento psíquico (LIMA; SANTOS; BARBOSA, 2021).

Segundo Leite e Souza Júnior (2021) do ponto de vista da psicanálise, mãe seria aquilo que exerce uma função que é realizada pela via da linguagem, e não se restringe aos cuidados materiais. Winnicott (1956/2000) ao conceituar o termo mãe suficientemente boa aponta para aparatos psíquicos que uma mãe tem que ter para o seu bebê, não se tratando assim apenas de manipulação física ou suprir as necessidades básicas, mas de constituir seu filho como sujeito, através dos investimentos do seu desejo pela fala (STELLIN *et al.*, 2011). Logo, a configuração de construção de uma mãe, não precisa ser primordialmente a partir de uma mulher. Nesse contexto, o lugar do desejo pode ser tomado pelas exigências sociais, demonstrando uma lacuna na subjetivação do desejante (STELLIN *et al.*, 2011).

Dessa forma, com as mudanças geracionais, quem mais é afetada e induzida para os ideários que circundam a maternidade, é a mulher. Colocada como o centro e produtora dos meios primordiais para dar suporte à sobrevivência e desenvolvimento do bebê, a mãe acaba sendo tomada pelas idealizações criadas sobretudo na maternidade, que por vez, são enrijecidas (JACOMINI *et al.*, 2019). Com isso, pode haver um silenciamento de alguns sentimentos dessas mulheres, que vão sendo negligenciados por não estarem na narrativa imposta pela sociedade do que é a maternidade, em que não há legitimação social. Há pouco acolhimento da sociedade, que acaba muitas vezes julgando. Por conseguinte, analisando o cenário do século XXI, a pergunta que surge é: quais impactos a idealização da maternidade traz para a mulher na atualidade, na cultura ocidental?

Tendo em vista que a construção social, histórica e cultura criada sobre a maternidade, como modelos tradicionais, que insistem num naturalismo, ainda tornam algumas posturas socialmente obrigatórias para as mulheres. Os cuidados e sentimentos que as mulheres têm que ter sobre os seus filhos, ainda são permeados por um contexto que oprime quaisquer posturas diferentes ao que é estipulado. Segundo Badinter (2011, p. 17) “o desejo de ter filhos não é nem constante, nem universal”, logo, analisar o discurso atual sobre idealização maternidade torna-se relevante, para levantar mais estudos que auxiliem às mulheres encorpar seus sentimentos, e demarcar o seu lugar e as suas escolhas no mundo, como também ampliar discursos sobre os vários lugares que a mulher ocupa atualmente.

Dessa forma, visando inferir os dados dessa pesquisa, justifica-se assim trabalhar sobre esse tema tendo em vista que, além de um papel de boa mãe, a mulher tem outras movimentações e funções que podem ser exercidas na sociedade. Através da análise filmica do filme “A filha perdida” (2021), novos discursos e questionamentos sobre os papéis que as mulheres exercerem podem aparecer. A história de vida de cada mulher, vai atravessar e influenciar a maneira que a maternidade vai ser vivenciada, de modo que, torna a experiência

singular. Ampliar esse conceito, poderá traçar e direcionar um caminho para novas formas de maternidade e acolhimento social.

Inspirado no livro assinado pela escritora italiana Elena Ferrante (pseudônimo), o filme “A filha perdida” (2021), estreado pela Netflix e dirigido e roteirizado por Maggie Gyllenhaal traz na personagem principal uma forma concreta de uma imagem visual de uma mulher, de meia-idade, professora universitária e mãe de duas mulheres, que encontra situações que a colocam frente a anseios e angústias que vivenciou ao longo da sua história de vida. Através da narrativa empregada pela diretora, o espectador recebe um olhar que pode revelar sentimentos ocultos sobre determinados assuntos que estão implícitos no filme.

Ao longo da dramaturgia cinematográfica, temas relacionados à maternidade, vivência da mulher, família, casamento, carreira e renúncia são abordados. O filme traz a discussão questões que atualmente estão sendo colocadas em pautas, principalmente por retratar assuntos de uma forma que fuja do previsto, como um olhar para as múltiplas faces da maternidade, e da experiência que cada mulher pode trazer perante o que lhe é concebido após gerar um filho. O encontro proporcionado através dos diálogos, formação das cenas e o desfecho do filme, deflagram rupturas que geram conflitos e contradições com as tradições impostas e revestem a temática da maternidade. Com isso, a aproximação que o filme tem da realidade, comoveu os espectadores, causando repercussão no público em geral.

Aquilo que traz mudanças, que descola e inquieta me move a observar as circunstâncias da vida com novas lentes. O filme “A filha perdida” (2021) retirou muitas pessoas de uma inércia, em que novas possibilidades de enxergar uma mulher foram ampliadas. Silêncios, olhares e comportamentos expostos em cena, colocaram em xeque muitas angústias, pelas quais, podem ser difíceis de suportar, principalmente se tratando de vivências da maternidade. Aquilo que angústia, também pode inspirar e trazer novos instrumentos e vozes as mulheres. Ao assistir o filme, percebe-se que, ao ir de encontro com Leda, aparecem outras mulheres, histórias, famílias e culturas. Em que, os anseios da protagonista não são só dela, mas de várias. O filme acaba tornando-se um encontro entre o individual e o coletivo.

Diante do exposto, o principal objetivo deste trabalho foi analisar a relação entre a idealização da maternidade e os impactos subjetivos através da análise fílmica da representação cinematográfica do filme “A filha perdida”. Para tanto, sabemos que as experiências são subjetivas, mas nos interessa aqui refletir sobre o processo de vivência de cada mulher, ao decorrer da sua vida e maternidade. Para isso, pareceu necessário compreender a idealização da maternidade através de uma construção histórica utilizando

como referência o filme “A filha perdida”, analisar como a romantização da maternidade impactam as vivências subjetivas da mulher na atualidade. Como também, compreender como a experiência da maternidade pode atravessar uma mulher na atualidade.

Para romper paradigmas, questionar os modelos de cuidado com as crianças, que foram historicamente impostos como padrão, pode servir como ferramenta para a construção de olhar que provoque e movimente outros sujeitos, para além da mulher. Sair de uma vertente que se utiliza e enche de tarefas uma pessoa como portadora do cuidado e, ir de frente para modelos de cuidado visto de uma forma amplificada e coletiva, pode servir como alicerce para as futuras gerações. Com isso, é necessário entender que a maternidade não é um caminho linear, haja visto que a mulher posta como sujeito, com uma história de vida arreigada de subjetividade, poderá trilhar seu caminho a luz do seu desejo, seja ele qual for, em que suas escolhas sejam aceitas e validadas.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa teve como objetivo encontrar a relação entre os ideários que circundam a maternidade e os impactos subjetivos que podem ocorrer na vida de uma mulher. Para o desenvolvimento do presente estudo, se optou por analisar o filme ‘A filha perdida’ (2021) que trata temas relacionados à vivência das mulheres, maternidade, casamento, carreira, solidão e renúncia.

Com o título original “The Lost Daughter”, o filme é uma produção original da Netflix e foi traduzido para o português como “A filha perdida”. Teve sua estreia no dia 31 de dezembro de 2021, pelo streaming, porém sua primeira aparição foi no dia 03 de setembro de 2021 no Festival Internacional de Cinema de Veneza. O filme tem duração de 122 minutos e é dirigido por Maggie Gyllenhaal. Sua classificação etária é de 16 anos, e gênero é o drama. Sendo assim, o filme traz a história de uma mulher, que vai passar as férias em uma pequena ilha na Grécia. Porém algumas situações inesperadas fazem Leda (personagem principal) mudar seu rumo, principalmente quando cria uma obsessão por uma jovem mãe hospedada nas proximidades, que traz à tona antigas lembranças.

A metodologia deste trabalho foi dividida em duas etapas, sendo a primeira uma revisão bibliográfica e em seguida seguirá com a análise do filme “A filha perdida” (2021). De acordo com Penafria (2009), a análise fílmica pode percorrer em duas etapas: decompor e interpretar, haja visto irá ocorrer o estabelecimento e a compreensão das relações entre esses elementos no decorrer da pesquisa. O autor descreve quatro tipos diferentes de análise de



filmes, sendo eles: análise textual, análise de conteúdo, análise poética e análise da imagem e som.

Essa pesquisa trabalhou com a análise de conteúdo, pois esse tipo considera o filme como um relato e leva em conta as temáticas que são colocadas em pauta, durante as cenas. Primeiro foi aplicado, a partir desse tipo de análise, a identificação dos temas que o filme aborda. Em seguida, foi dividido em tópicos os principais temas, em que trouxe recortes da história e a decomposição do filme, levando em conta o que o filme diz a respeito do tema ou os assuntos que podem aparecer a partir dele (PENAFRIA, 2009).

Desse modo, foi possível articular alguns componentes que podem aparecer no filme, em que o foco seria uma reconstrução do modo em que cada elemento da temática foi associado ao filme. Logo, o filme “A filha perdida” (2021) foi tomado como ponto de partida de uma discussão que traz a intercessores que refletem o atual momento do que se entende maternidade e as vivências subjetivas de cada mulher e, teve como base teórica a psicanálise, dentre outras áreas do saber como história, antropologia, para articular a análise.

No que se refere a técnica coleta de dados, os propósitos estabelecidos para essa pesquisa utilizaram da técnica de observação de forma controlada, que segundo Marconi e Lakatos (2010) demanda que, para obter aspectos da realidade devem ter atravessadores que se utilizam de sentidos que vão para além do ver e ouvir, pois, há uma forma de examinar os fatos e fenômenos que passa pela interpretação do pesquisador. É importante ressaltar, que essa técnica se deu de forma indireta e não participante, haja visto que pelo contexto, a participação ocorreu pelo papel de espectadora.

Com isso, a pesquisa seguiu com uma abordagem qualitativa, que segundo Chizzotti (2008) seria o método de investigação que busca estudar um fenômeno situado no local, para encontrar sentido e possa interpretar esse fenômeno, de forma que mostre os significados que as pessoas lhes dão. Com isso, por ser um método interpretativo, haverá a partir daí interpretações que puderam traduzir e transmitir a ideia de como o fenômeno se apresenta, em que foi possível criar um caminho novo para ele a partir dos resultados encontrados.

Dessa forma, a pesquisa teve um caráter exploratório, pois este tem por finalidade "desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores" (GIL, 1995, p. 27). Com isso, pode-se propor um levantamento geral acerca de determinado fato.

Por conseguinte, através desses métodos foi possível abarcar os objetivos desta pesquisa. Tendo em vista que, a partir da análise fílmica pode surgir questionamentos e

reflexões acerca de assuntos que cercam às mulheres, por critérios teóricos, que possam servir para auxiliar em uma melhor compreensão de determinados fenômenos.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados desse trabalho foram divididos em cinco subtópicos, que compõem as discussões das temáticas, que serão apresentados de forma integrada, tendo sido estruturados em torno das seguintes questões: Aspectos históricos sobre a maternidade; Sobre a idealização da maternidade; Sobre o desejo e a maternidade; Aspectos Sociais; Aspectos subjetivos.

#### **3.1. Aspectos históricos sobre a maternidade**

Badinter (1985) relaciona no seu livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, que na história da civilização ocidental as relações das mães e dos filhos podem ser modificadas conforme os séculos e as classes sociais. Em que, a imagem da boa mãe, estereotipada, pode romantizar o papel da mulher na maternidade. A pressão social que as mulheres passam, está historicamente inscrita como um símbolo de controle social sobre os corpos delas, o que pode agravar como uma opressão de gênero (CARVALHO; SCHIAVON; SACCO, 2018).

O papel principal de cuidados com uma criança, nem sempre foi centrado na mãe biológica. No século XVII na Europa, a forma de lidar e entender uma criança era voltado a uma lógica de percebê-los como sujeitos a partir do momento que teriam traços ou pareciam com adultos. Quem cuidava das crianças eram as chamadas criadeiras, amas de leite ou mães mercenárias, pessoas essas que tinham como objetivo fazer essa criança sobreviver até criarem uma identidade própria, que seria formada a partir do momento que faziam atividades semelhantes aos adultos. A mãe biológica só vai ser convocada a assumir esse papel quando tiveram problemas com aumento das taxas de mortalidade infantil na França e o novo ideal econômico de ascensão da burguesia, por se tratar de um problema de Estado (VIEIRA; AVILA, 2018).

A partir do século XVIII na Europa, a figura da mãe foi moldada num período em que a sociedade começou a ter grande influência do poder do médico e da medicina, em que havia patologização em detrimento de valores morais que eram aceitas ou não pela classe médica. Às mulheres que não exerciam o papel imposto, eram taxadas como maldosas ou então enquadradas em alguma patologia. Havendo assim uma pressão social, que não considera a subjetividade da mulher-mãe como também um ser desejante (STELLIN *et al.*, 2011).

Sobretudo no século XIX na Europa, com valorização da infância, a atenção materna foi centralizada nos cuidados do bebê e da criança, principalmente por conta da transposição social e cultural sobre a capacidade de dar à luz e a amamentação, pois é colocado como funções que só a mulher pode oferecer. Logo, os discursos naturalistas<sup>1</sup> endossam narrativas na civilização ocidental que direcionam a mulher uma exclusividade no desenvolvimento e na criação de crianças, o que pode transmitir sentimento de culpa caso não sigam com o que é posto, já que seria algo natural para o seu corpo (MOURA; ARAÚJO, 2004).

Na primeira metade do século XX, o matrimônio, o conceito de ‘dona do lar’ e a maternidade constituíam as representações dos laços sociais da mulher. De modo que, há uma perpetuação da valorização extrema da maternidade. Contudo, a uma aceleração nas mudanças de vida das mulheres, principalmente com a materialização da divisão do trabalho baseada estritamente ligada ao gênero, em que o acesso ao mercado de trabalho faz de a mulher transitar pelo espaço privado e público, algo que era oferecido apenas aos homens. Ao longo do século XX, a partir dos movimentos feministas, as próprias mulheres questionaram a noção de sentimento materno como algo universal (FERNANDES, 2021; BOBER, 2021).

A influência do modelo tradicional burguês, com raízes na religiosidade judaico-cristã, ainda reverbera sobre o conceito e as vivências da maternidade ocidental do século XXI. A mulher na atualidade, com conquistas de novos direitos e lugares, ainda enfrenta resquícios de períodos anteriores, em que as normativas pairavam sobre uma maternidade compulsória, deixando marcas, como nas relações de desigualdades de oportunidades, sobretudo após se tornarem mães (BOBER, 2021). Segundo Caffé (2021) o ideal feminino moderno encontrou novas perspectivas e pluralidades, mesmo que ainda haja resquícios de uma tradição, pois os discursos sociais vigentes dão mais possibilidades às mulheres, em que prioriza sua autonomia e dão abertura ao conceito contemporâneo de paternidade, no qual “mãe não é mais uma só. Mãe não é necessariamente uma mulher” (CAFFE, 2021, p. 59).

Atravessada pelo contingente histórico contemporâneo, a personagem principal do filme “A filha perdida” (2021) denuncia os discursos que valorizam a individualidade e os valores das relações, no qual uma mulher pode encontrar outras fontes de desejo, para além do esperado pela normativa, principalmente se tratando da maternidade. Seja dirigindo um carro, se hospedando em uma casa grande para passar as férias e indo a lugares novos, nas suas primeiras imagens do filme, Leda se encontra sozinha.

---

<sup>1</sup> Discurso baseado na ideologia naturalista, no qual, estabelece a adoção de práticas que aproximam o homem do biologicamente natural (VIEIRA; AVILAR, 2018).

Se a primeira impressão é a que fica, Leda não aparentava ser o ideal de uma mãe, até o momento que vai de encontro com uma família, em particular com uma mulher grávida e mulher com aparência jovial e mãe também. São através dos flashbacks, que se retoma o passado da personagem. Cenas de uma mulher casada, mãe, jovem, fazendo afazeres domésticos e trabalhando tomam lugar na tela, que revela e reverbera aspectos do modelo até então dominante no destino que se era colocado a uma mulher que vira mãe, na vida de Leda. Mostrando que sua história perpassa gerações e contextos sócios históricos diferentes.

Leda vem de uma geração pioneira na entrada da mulher no mercado de trabalho, nas mudanças conjugais e utilização das pílulas anticoncepcionais. Já a mãe da protagonista pode trazer características de uma geração de mulheres, em que o seu papel social era o de ser mãe, em que, educar, limpar a casa e performar a função de esposa eram tarefas diárias. Com a entrada da maternidade de Leda, a uma redefinição de papéis, seu papel de filha passa para o de ser mãe, e a mãe dela, vira avó. A postura tomada pela personagem frente a maternidade, segue de uma forma que pode haver uma atualização ou redefinição do que foi instituído pela sua mãe, na sua maternidade.

Criadas em uma década que filhos eram o resultado do casamento, e colocados como consequência natural desse enlace, as mulheres tinham sua infância e juventude dedicadas a aprender como portar-se para viver uma vida matrimonial. A principal via de completude destinada à mulher na primeira metade do século XX na Europa, era a maternidade e o matrimônio (LOPES; CARVALHO, 2017; CAMPOS, 2021). A mãe de Leda, tem em sua conjuntura um contexto histórico e social que às mulheres eram mantidas no setor privado, com destino inevitável para muitas. De modo que, a maternidade era vista com um dever e obrigação, cujo seus objetivos eram pautados em seguir uma postura de mulher, dedicada à família, recatada e prendada, para que assim, conseguisse o lugar de bem-sucedida na vida.

Em um dos diálogos do filme, ao trazer sua percepção da criação que teve pela mãe, Leda relata: "enquanto ela me criava, ela se distanciava, como empurrar um prato se a comida é ruim". Segundo Hamano (2014) os graus de percepção sobre memórias satisfatórias de apoio familiar podem estar ligados com a satisfação do indivíduo frente às suas necessidades, o que pode influenciar na postura do sujeito frente a construção das suas próprias famílias. Dessa forma, a continuidade ou a descontinuidade da transmissão geracional do papel materno é estabelecido nas particularidades de cada sujeito, seu contexto histórico e social. Diante da transformação na estrutura e no conceito de maternidade, há uma mudança na dinâmica familiar.

No filme, o histórico familiar de Leda aparece, principalmente quando fala da sua mãe. No momento da sua escolha de sair de casa, na discussão final que têm com o marido, após citar a opção de levar às filhas deles para os cuidados da avó materna, Leda esbraveja “elas vão afundar naquele buraco negro, naquele lugar de merda que eu consegui sair”, sinalizando assim, parar às marcas que suas vivências com filha, ficaram nela. O modo como construiu sua forma de ser mãe, perpassa por sua primeira visão de o que é ser mãe, tendo sua própria mãe como base, para aquilo que deseja para ela e suas filhas também.

Em um dos diálogos do filme, com a jovem mãe Nina revela que a primeira impressão que teve de Leda fez ela pensar: “quero ser igual aquela mulher”, provavelmente se referindo a primeira imagem que viu, de uma mulher na praia sozinha, rodeada de livros e papéis, diferente de Nina, que vivia cercada de pessoas e tarefas a fazer, como cuidar de sua filha pequena. Leda poderia ser o modelo de mulher que Nina queria ser, naquele momento. Após outros encontros das duas, Nina percebe que Leda também era mãe, assim como ela. Dessa forma, a pauta das conversas entre as duas começa a ser rodeada de assuntos sobre maternidade e matrimônio. Leda transmitia para Nina uma figura de alguém que poderia confessar suas dores, e ela não iria julgar, diferente das pessoas que estavam ao seu redor. Com tudo, em uma dessas conversas, Leda confidencia que foi embora de casa e deixou suas filhas pequenas com o pai e a avó materna, para viver uma proposta de trabalho em outro lugar. Explica que depois que tomou essa decisão, passou três anos sem ter contato com as filhas. Para Leda, Nina também transmitia ser uma pessoa que não iria julgá-la.

Ao longo da confissão, Leda afirma: “parecia que eu não ia explodir, mas eu explodi”, revelando assim, partes do seu processo de maternidade, que transmitia uma falsa impressão de que ela iria conseguir desempenhar todos os afazeres postos para ela, como o cuidado das filhas, da casa, do casamento e do trabalho. Ao ser questionada por Nina como foi o período sem as filhas, Leda verbaliza: “foi maravilhoso”, em tom de alívio. Leda coloca em palavras algo diferente daqui que é compartilhado socialmente. Dessa forma, a protagonista consegue legitimar sentimentos genuínos sobre sua história, como mãe e sujeito.

Leda carrega no seu corpo marcas sociais, culturais e históricas, as consequências de modelos rígidos e performáticos impostos sobre a maternidade, que por vezes desumaniza as mulheres, e os seus sentimentos. Na sua última conversa com Nina, a protagonista grita: “ser mãe para mim não é natural”, em que esse seu desabafo acaba por introduzir vivências do campo individual, mas que afeta o coletivo, a todas as mulheres. Rompendo, assim, com uma das premissas imposta para as mulheres que viram mães. Nesse diálogo ocorre uma discussão entre as duas, Leda acaba manifestando que voltou para as filhas, pelo simples fato de ser a

mãe delas, alegando que teve saudades. Leda termina sua fala sobre a volta, dizendo ser uma pessoa ‘egoísta’, movendo essa decisão para algo que fez por ela novamente, colocando o estar presente com as filhas como uma escolha. É na presença das pessoas, que Leda consegue ver, se colocar e permitir sentir dores e amores.

De alguma forma, Leda deu um significado do que era maternidade para si, não sendo algo natural e instintivo, mas que faz dela ser o que é, e ter o que construiu. Mesmo com adversidades, Leda é a mãe que consegue ser, dá o que tem para oferecer, ainda que fuja dos principais ideais sobre maternidade, é algo dela, que moldou através da sua história de vida, junto das suas filhas e sua mãe, estando presente na sua vida delas ou não. Seja criando um ritual de cortar a laranja em tiras, ouvindo música, dançando e conversando, Leda coloca sua marca nas filhas. Aquilo que traz conexão, história e encontro, acaba se tornando algo autêntico, individual, como uma mãe tem que ser, e acima de tudo como um sujeito deve se colocar no mundo. A maternidade de Leda é diferente daquilo que se refere ao mito do instinto do amor materno.

### **3.2. Sobre a idealização da maternidade**

Através da ideia do mito do instinto do amor materno incondicional, cria-se ao longo da história um ideal de mãe, de forma que consolida na vida de uma mulher como algo de origem natural, seguindo a um padrão inalcançável, para muitas mulheres. Com isso, a organização que se faz em torno dos papéis de gênero na sociedade, conectado a um ideal a ser seguido, enquadram o corpo da mulher em uma perspectiva maternalista, vinculado a um discurso de cunho político, religioso e médico (LIMA; SANTOS; BARBOSA, 2021).

O modelo proposto, passa por um discurso referencial padronizado, em que, não dá margem a erros, onde, a mulher passa para uma transformação para viver dentro dessa idealização. Quanto mais no molde de boa mãe, mais a mulher tende a esvaziar a si mesma, implicando assim na construção da sua subjetividade. Por sentirem que têm o dever de agir como se espera, muitas mulheres abdicam de experienciar sentimentos reais que trazem algo de positivo ou negativo para viver no ideário criado sobre a maternidade (LIMA; SANTOS; BARBOSA, 2021).

O corpo feminino é posto como instrumento de demonstração de uma feminilidade, tendo como finalidade a reprodução e a maternidade. Através de discursos regulatórios sobre o exercício da maternidade, no qual pode caminhar para o “sentido de ser palco de intervenções de saberes forjados a moldar sua subjetividade” (VIEIRA; AVILA, 2018, p. 38).

Dessa maneira, é pelos corpos de mulheres que a história do filme “A filha perdida” é contada. A maternidade, vista em outros ângulos por personagens secundários do filme, denunciam os enlaces que atingem os corpos delas, de uma forma que seus corpos privados entram no corpo social que o ser mulher é colocado.

No século XIX e começo do século XX, a posição feminina para a mulher ainda é representada em volta da maternidade. Portanto, a liberdade da mulher ainda era reduzida aos valores da maternidade. No texto sobre Feminilidade (FREUD, 1933/1996), Freud define a feminilidade através da noção de maternidade da época. Dessa forma, a maternidade seria o meio pelo qual a mulher alcançaria o sentimento de completude, principalmente se tivesse um bebê menino. Nesse contexto, a noção de Freud sobre a feminilidade sempre foi mantida por uma posição conservadora. Foi a partir dos conceitos de pulsão de vida e de morte, que Freud abriu espaço para pensar no sujeito pelo campo das pulsões e ir além dessa forma subjetiva (KLIPAN, 2015).

Segundo Klipan (2015), Melanie Klein na sua teoria, mantém a perspectiva de Freud sobre o destino feminino ser voltado para a maternidade. Porém, para a autora, a ideia seria voltada a uma atitude maternal, no sentido de ser uma condição subjetiva de feminilidade relacionado a um potencial criador, dando espaço para um universo infinito de desdobramentos subjetivos, que não estaria necessariamente ligado ao destino de ter filhos.

Em umas das primeiras interações de Leda com uma personagem que se nomeia como Callie, a mais bonita, há de se analisar assuntos no que diz respeito à mulher e à maternidade. Callie traz em sua fala, resquícios de uma construção de maternidade tida como essencial a vida das mulheres, em que apenas há espaço para sentimento de amor, devoção e cuidado. A priorização das necessidades de uma criança, vem por vez de mães que têm uma conduta de maternidade que segue por uma "hegemonia" que coloca às mulheres para seguirem ações que busquem o bem-estar e a felicidade dos filhos como algo central (SOUZA; POLIVANOV, 2019).

Através do diálogo entre as duas mulheres, aquilo que não aparece no discurso, os vazios e pausas durante o diálogo movem para um choque geracional, daquilo que já foi, que ficou e que unifica as duas. Há uma diferença de perspectivas de maternidades e mulheres. Atravessadas pelo corpo social imposto à mulher, há de tirar complementos e ideias homólogas de Leda e Callie. A traços da história e origem de cada que perpassam os valores que foram colocados sobre seus corpos. Ao cobrar de Leda em frases como: “não têm filhos? Onde estão?” Callie torna-se porta voz de ideais que circulam sobre a maternidade, como se aquilo fosse algo identitário, não há espaço para dúvida. A postura de Leda, nesse diálogo, faz

uma demarcação de um rompimento com o modelo feminino tradicional imposto. Leda desvia-se das perguntas de Callie, como desvia do modelo ideal.

O filme mostra, ao longo do enredo, outros tipos de maternidade através das personagens Nina e Callie. A mãe com aparência mais jovial é Nina, que na maioria das cenas que parece, está com sua filha pequena e única, Elena. Seja na praia, na praça ou na loja de brinquedos, Nina aparenta estar cansada e aflita, como se precisasse estar sempre em alerta a cada tomada de atitude que tem, principalmente em relação a Elena. Há em torno de Nina, uma vigilância silenciosa por parte da família. O fortalecimento de discursos que produzem regras sobre o exercício da maternidade, promovendo modelos ideais que atingem diretamente a mulher-mãe e todos os setores da sociedade (VIEIRA; ÁVILA, 2018). Na busca dos corpos e comportamentos ideais, a mulher vai de frente com a culpa, por não conseguir chegar ao inalcançável (FERNANDES, 2021).

Para perpetuação de discursos que endossam o feminino como destino apenas a reprodução e a maternidade, as mulheres que recusam essa finalidade se tornam alvos do poder disciplinador, sendo excluídas e taxadas como transgressoras e degeneradas, por irem contra a ordem vigente. As práticas de controle e vigilância, partem de discursos opressores e padronizados, em que, são veiculados através do Estado e do próprio corpo social, das mulheres. Dessa forma, a rigidez dessa ordem, dificulta a formulação de cobranças relacionadas aos papéis sociais de gênero, e colocam o corpo da mulher-mãe como público, deixam suas tomadas de decisão na margem de ideais determinados por grupos específicos, que agem a favor dos seus interesses (FOUCAULT, 1979; VIEIRA; ÁVILA, 2018).

A personagem Nina, tem características de uma figura materna tido como padrão. Mãe biológica de uma única menina, casada e integrante de uma família tradicional, é a imagem que deve ser mantida e compartilhada para todas, ela é um exemplo de ideal a seguir, é nela que Leda, mas (mais) tem interesse. Ao decorrer do filme, a protagonista descobre que Nina trai o seu marido (como ela também fez no seu passado), e chama-se atenção que, as perguntas mais aflitas e incertas sobre maternidade vêm de Nina, “isso vai passar?”, “às vezes não sei o que fazer”, “eu tenho depressão ou alguma coisa?”, “estou exausta, dá até medo”. O filme mostra, através das vivências dessas mulheres, um encontro do que é colocado nos discursos padrão em cima dos corpos das mulheres, e suas falas e atitudes contrárias ou não ditas no meio público sobre o assunto. A potência das mulheres vem do compartilhamento das suas dores e angústias mais encobertas, o que é exposto de mais íntimo é o que humaniza e une, as personagens e os espectadores.



### 3.3. Sobre o desejo e a maternidade

No contexto do desejo de ser mãe, Badinter (1985) aponta como os comportamentos das mães foram mudando conforme a mulher era percebida pela sociedade, em que o papel de mãe era visto por valores de natureza divina, política e instintiva. Coloca como alguém aquém dos seus próprios desejos, a mulher é escrita historicamente como fraca e submissa. Com isso, a mulher foi induzida a várias renúncias em prol da sua prole, ao passo que o homem não recebeu as mesmas exigências. Quanto mais poder era colocado em instituições marcadas pelo patriarcado, menos a mulher tinha o que oferecer à sociedade, a não ser exercer o papel de boa mãe. Na hierarquia de poder, a mulher era colocada em última instância, é promovida a um degrau maior, se aceitasse ser mãe.

A participação da igreja foi fundamental para a construção ideológica voltada à caça às bruxas<sup>2</sup> nos séculos XVI e XVII, na Europa ocidental, pois foi através desse movimento que houve interdição de assuntos voltados ao desejo feminino, que foi reprimido e colocado a serviço do poder dominante, o dos homens. Para proteção do clero e do patriarcado, o sexo feminino foi posto como instrumento do diabo, visto que o poder feminino era dito como uma ameaça a essas partes da sociedade. Logo, nesse período a sexualidade feminina só poderia ser liberta para duas funções: matrimônio ou procriação (FEDERICI, 2019).

Visto que, a construção social na civilização ocidental sobre a maternidade pode influenciar na subjetividade da mulher, no lugar do desejo, é colocado às exigências sociais que levam às mulheres a não recusar a maternidade (STELLIN *et al*, 2011). Desse modo, visto como algo exclusivo da mulher, a maternidade no que lhe concerne acaba tomando um lugar de poder, como isso, as vozes das mães parecem ser por um tempo uma alternativa que abre espaço para as mulheres na sociedade (IACONELLI, 2012).

Em meados do século XX, no texto de Freud (1931) Sobre a sexualidade feminina traz a possibilidade de que as mulheres se inscrevem na cultura como sujeito sexuado através da maternidade, pois há uma ideia de que o desejo de ser mãe e o desejo de ter um filho são atravessadas na história das mulheres como equivalentes. Por conseguinte, essa posição reitera uma narrativa que privilegia o lugar de escolha da mulher, sem observar que pode ser uma escolha circunstancial (IACONELLI, 2012). Com tudo, psicanalistas contemporâneos

---

<sup>2</sup> A caça às bruxas foi um movimento que se iniciou no século XV, na Europa, focada em uma perseguição sistemática, religiosa e social, que tinha como característica principal controlar, através de uma massiva campanha judicial, as mulheres da população rural, pois foram tidas como uma ameaça para a sociedade (FEDERICI, 2019).

colocam as questões da maternidade como algo que parte mais da singularidade das histórias individuais das mulheres, atravessadas por questões de gênero, etnia e classe social (STELLIN *et al.*, 2011).

Segundo Bruzamarello, Patias e Cenci (2019) à mulher contemporânea, principalmente às de classes médias e altas da população, com uma maior inserção no mercado de trabalho ganharam mais poder de decisão sobre as suas escolhas referentes à maternidade. Os autores afirmam que ainda existe muito valor naquilo que se é colocado sobre a maternidade. Todavia, a abertura que o poder de escolher deu à mulher, fez com que o desejo de se tornar mãe não fosse pautado apenas pela prática do exercício da maternidade, pois, há novos aspectos que vão ser relacionados antes de querer gestar, como, por exemplo, cuidar da sua carreira profissional.

Com o avanço da tecnologia, a entrada de métodos contraceptivos como o caso da pílula anticoncepcional serve como um auxílio no controle de procriação. As mulheres podem se sentir mais propícias a regular o momento da gravidez, visto que os métodos servem de instrumento regulador de escolha. Por outro lado, existem mulheres com desconfianças nesses tratamentos, pois argumentam ser um produto artificial que bloqueia um processo natural. A um avanço nesse quesito na vida das mulheres, pois corrobora para uma autonomia das mulheres e casais que esperam ou não querem ter filhos (BADINTER, 2011).

De acordo com uma pesquisa global realizada pela farmacêutica Bayer, com apoio da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) e do Think about Needs in Contraception (TANCO), no Brasil, 37% das mulheres não querem ter filhos e no mundo, o índice chega a 72%. De modo que, uma parte das mulheres estão podendo optar pela maternidade ou há uma prevalência de nunca ter filhos.

O ponto de partida sobre o desejo de ter filhos na atualidade, parte de um perfil de mulher mais independente e autônoma, que construiu com o tempo espaços mais plurais de escolha (CAFFÉ, 2020). Nos telefonemas com as filhas já adultas, Leda aponta para o seu potencial de escolhas, podendo estar em um resort de férias sozinha, mas em contato com sua prole, mostrando sinais de um tempo histórico que retrata neste momento uma certa liberdade de conduta.

A sociedade entra com um papel de encaixar Leda: da maternidade. Mas a personagem desejava explorar outras vias, sobretudo na época que suas filhas ainda eram crianças, como a sua profissão, que lhe estava oferecendo um reconhecimento intelectual, e que lhe movia a traçar novos caminhos. Foi o resgate das suas dores mais íntimas, que fez Leda se sentir potencialmente ativa a buscar novas representações de seu posicionamento no

mundo. A posição que a maternidade lhe colocava, não era o suficiente. A ambivalência referente a esses desejos, a separação do marido, a ascensão na profissão, fizeram Leda buscar um novo sentido, aquele que a deslocava de tudo, e que era voltado apenas para ela, naquele momento. Dessa forma, a personagem se coloca disposta a experienciar de maneira ativa, a busca por aquilo que lhe mobilize e têm sentido para sua vida, vivendo assim, a cada momento.

### **3.4. Aspectos Sociais**

O conceito de infância e maternidade foi mudando com o passar do tempo, e fatores como a ideologia capitalista foram muito importantes para o processo de mudança e criação de uma espécie de “mãe moral”. Como forma de estratégia, casamento e maternidade viram pauta para manobrar o pensamento das mulheres, conforme os interesses do Estado. A ideologia capitalista deu seus primeiros passos com o modelo de família patriarcal, em que o provedor da casa era o homem, e a mulher teria a função de cuidar e educar a casa e dos filhos. Porém, com as exigências de consumo aumentando, apenas o salário do homem se torna insuficiente para o sustento de uma família. Fazendo com que, as mulheres tomem o posto de procurar por um trabalho assalariado. Dessa forma, às novas relações comerciais permitem uma autonomia financeira e intelectual para a mulher, que acumula mais uma atividade para realizar (LOPES; CARVALHO, 2017).

Visto que, o corpo feminino foi tomado pelo capitalismo na Europa, como instrumento de manobra para reprodução da força de trabalho e a satisfação das necessidades dos homens. A liberdade sexual das mulheres foi criminalizada, e tida como algo patológico. Por conseguinte, o prazer feminino é desprezado, e reduzido a um serviço apenas de reprodução e reposição para a produção de mão de obra. Dessa forma, ao longo dos anos, a sexualidade feminina foi submetida a um controle pela via do valor moral. Em nome do casamento e da família nuclear, a uma normalização de violências contra às mulheres, principalmente com hierarquização feita em cima dos meios de trabalho. O homem sendo o que recebe salário, seria superior a mulher que se dedicava ao trabalho doméstico, que não é remunerado (FEDERICI, 2019).

Com a mudança no discurso social, às discussões contemporâneas trazem novas exigências às mulheres, delegando além da maternidade e o matrimônio, a profissionalização das mulheres (CAMPOS, 2021). Novos aspectos e exigências são esperadas, em que diferente de renunciar alguns espaços, a acúmulos de funções e tarefas para várias mulheres. Às vivências de Leda vindas de flashbacks da sua vida, apontam marcas e resquícios de uma

criação moldada em uma perspectiva que chocam as tradições. A mulher criada por uma mãe recatada e do lar, busca sua ascensão social através de seu trabalho, ao mesmo tempo que têm que conciliar sua maternidade e matrimônio.

A primeira cena, que mostra a dinâmica familiar responsável pela criação de Bianca e Martha, filhas de Leda, acontece em meio a uma discussão entre o marido da protagonista e Leda. Aos gritos de pedido de ajuda, Leda se vê pressionada a atender a demanda da filha depois de uma tomada de postura passiva do marido perante a situação. A frase que descola Leda é posta pelo marido através do grito “eu to trabalhando”, em que seguida é respondida por Leda com o grito “eu to sufocando!”. A divisão fundada entre aquele que trabalha e aquela que cuida, é a marca de uma sociedade que foi construída em uma binaridade de funções, que faz um recorte de gênero, e que privilegiam os homens. Visto que, por décadas, às mulheres somam responsabilidades que conduzem a uma ampliação de tais funções, como a de cuidar, amamentar, educar, acolher e trabalhar (LOPES; CARVALHO, 2017).

Badinter (2011) em sua pesquisa, traz a ideia de que a maternidade pode ser vista de várias formas, a depender da cultura inserida. O modelo ideal que predomina em cada âmbito, compreende uma série de exigências, em que, atualmente, percebe-se que os deveres maternos aumentaram. Ser mãe, virou um trabalho integral para a mulher, que além de ter que pensar na sua carreira, bem-estar, e cuidados com o filho, têm que educar e dedicar todo seu investimento para o futuro daquela criança.

Atualmente, a maternidade ainda é romantizada, pois, o discurso que há um instinto materno ainda é muito disseminado pelas gerações e instituições, em que a mulher vai vivenciar em todos os momentos, desde a sua gestação, puerpério e maternidade em geral às consequências dessas narrativas. Às mulheres são cobradas socialmente, a exercerem uma dita natureza feminina, que menospreza as dificuldades enfrentadas por elas nesses períodos, que naturalmente a mãe é a melhor para cuidar. Com isso, para além de uma pressão social, a cultura que idealiza a maternidade pode se configurar como um símbolo de opressão de gênero, em que, pode reduzir a mulher a espaços de submissão e silenciamento (CARVALHO; SCHIAVON; SACCO, 2018).

No cumprimento das normas postas sobre a maternidade, há uma série de obrigações que não necessariamente precisaria de a mulher cumpri-las, visto que cuidados básicos na rotina do bebê podem ser geridos por outras pessoas ao redor, como o pai da criança ou familiares. Por conseguinte, a normativa da maternidade também prega o que às mulheres não devem fazer no materno, dado que atitudes contrárias às essas normas faz às mulheres serem desviantes de todo o universo da maternidade, de forma que podem as levar a performar um

cuidado estético, pois seria algo valorizado pela sociedade, o que pode servir como mais um mecanismo de silenciamento e repressão (SOUZA, 2019).

A maternidade vista como destino e dever, vem de um discurso voltado às mulheres do século XVIII, na Europa que reverbera ainda na contemporaneidade. Para validar atos considerados femininos, às mulheres por vezes se apoiam em apenas performar comportamentos estabelecidos cultural e socialmente. De modo que, para representar práticas delimitadas ao gênero, o corpo das mulheres foi posto como meio de mostrar a imposição de práticas regulatórias que repetem uma ideia de natureza feminina. A maternidade seria então, um ato de reconhecimento dessa mulher como sujeito, visto que através dessa posição perante o meio social, as mulheres teriam que performar o amor materno, a devoção aos filhos e o cuidado com a família para serem vistas e ouvidas (SOUZA; POLIVANOV, 2019).

No filme, há cenas de desaparecimento de duas crianças, de Elena e Bianca. Ambas se perderam na praia. Por esta grande parte da família presente, a praia é tomada por gritos de todos atrás de Elena. Em comparação com o sumiço de Bianca, apenas o grito de Leda solitário e angustiante pela praia ecoa, com Martha no braço, que aparenta não entender a gravidade da situação. Nesse contexto, há um tópico que caracteriza uma parte da história de maternidade da Leda. Em um diálogo com o marido, Leda verbaliza: "às vezes tenho medo de não poder cuidar delas", em que há uma postura da personagem como sendo a única provedora e responsável pelas filhas. Ao decorrer dos flashbacks com as filhas quando mais novas, Leda está muitas vezes sozinha e se encontra sobrecarregada, tensa e aflita com as tarefas que têm que cumprir, estando ou às filhas ou não. A resposta do marido perante sua angústia é: "querida, você está bem". Leda talvez não queira palavras de conforto, mas uma atitude do marido perante a responsabilidade do cuidado com as filhas, que também é dele.

Tomando como base o cenário brasileiro, assuntos voltados ao abandono paterno e famílias regida apenas por mulheres, coincidem com o aumento da sobrecarga materna que vem entrando em espaços que chamam atenção, na sociedade atual. Um levantamento feito pela Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), em 2020, mostra que 6,31% dos registros de nascimentos de crianças no Brasil, foram apenas com o nome das mães nas certidões de nascimento. No Brasil, houve um aumento na proporção de abandono paterno durante os anos, em que, a ausência do genitor traz mudanças no cenário da realidade de muitas famílias brasileiras. Na última década, foram abertas novas possibilidades de registro, sem que precise da decisão judicial das duas partes. Em casos em que o genitor se recusa a fazer o registro, cabe à mãe buscar o cartório e efetuar o registro.

O modelo de família nuclear no Brasil, é regido por mulheres, sendo que a maior parte dessas mulheres são chefes de família e vivem em condições de vulnerabilidade social. De acordo com os cartórios de registro civil brasileiros, no ano de 2022 o número de mães solas teve resultados expressivos e é o maior desde 2018. No Brasil, mais de 11 milhões de mulheres são as únicas responsáveis pelos cuidados com filhos e filhas, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No filme, o tempo de tela é voltado a interação e a história das mulheres do filme, sendo Leda a principal e a que rege o enredo. Os personagens masculinos entram de forma secundária nas cenas. Os pais do filme, mostram uma passividade perante a criação das crianças, angústias e responsabilidades. As protagonistas na criação dos filhos, são as mães. Durante seus lapsos de memória, em nenhum deles o pai de Leda retoma, diferente da sua mãe, que é lembrada em muitas ocasiões. Segundo Cossi (2021) a paternidade é construída em contraposição à maternidade. O papel de gerar filhos, atribui à mulher uma justificativa para se dedicar à vida privada e aos espaços domésticos. Conseqüentemente, a masculinidade historicamente é relacionada a uma esfera pública cercada de privilégios e que endossa uma negação sobre os cuidados dos filhos. Os homens acabam entrando no papel de coadjuvantes na vida real, quando o assunto é a criação dos seus filhos.

### **3.5. Aspectos subjetivos**

Ao causar um estranhamento aos espectadores, a personagem principal é posta a trazer uma visão mais ampla do que têm por trás do exercício da maternidade, que seria de ser uma mulher possuidora da sua própria história de vida e dos caminhos a serem seguidos de forma independente. À medida que a protagonista foge do estereótipo do que seria uma ‘boa mãe’, há uma abertura mais densa da vivência que cada mulher tem, e é a partir de um olhar sobre a sua subjetividade que podem ser levadas mais questões para além das aparências.

A uma divisão das relações sociais de acordo com o gênero, em que há demarcação entre o que é masculino e feminino, pela cultura patriarcal. Com isso, os papéis de gênero são apresentados como injustos e desiguais, pois ao considerar a dominação masculina “normal”, atribuindo funções aos homens como provedores de uma certa virilidade, racionalidade, liberdade sexual e ativos na esfera privada e colocando a mulher em uma posição de passividade, neutralidade, “dona do lar” e com a sexualidade retraída, vai se construindo uma hierarquia de gênero que se configura como uma relação de poder, moldada para cada um performar um ideia engessa homem e mulher (BRABO; SILVA, 2016; FIGUERÊDO; ASFURA; ZANFORLIN, 2020)

Os brinquedos são distribuídos para crianças através de uma divisão de gênero que impõem o que seria para meninas e meninos brincarem. Com isso, entende-se que os brinquedos servem como instrumentos para socialização de crianças, e assumem um papel de reproduzir significados dos valores de determinado período. A boneca colocada como brinquedo apenas para meninas, demarca a herança de uma ideologia patriarcal, que reproduz sentidos, definições e ideais relacionados ao gênero e que vão sendo internalizadas nas crianças, desde a sua infância. Para as meninas, os brinquedos tendem a serem voltados a atividades da casa e cuidados com filhos. No mundo dos brinquedos, a paternidade se encontra ausente (SILVA; BRABO, 2016).

No filme, as bonecas das meninas entram como um importante elemento, para o enredo e para a história de vida das personagens. A primeira boneca que aparece é a de Elena, algo que atrai os olhares de Leda. A segunda boneca que aparece é a de Leda, que passa para sua filha mais velha, Bianca. Ao decorrer das cenas, as duas bonecas tomam o mesmo sentido, para a personagem principal. A boneca entra como objeto central que une famílias, e não apenas mulheres, a partir do desaparecimento de Elena na praia. O desfecho desse momento, faz de Leda a salvadora, pois encontra a menina perdida na praia. Por conseguinte, a boneca e Elena tomam rumos diferentes, a menina volta para a família, e a boneca fica com Leda.

Em seus momentos com a boneca de Elena, Leda busca tratá-la com carinho, beija, dá colo, tira todas as sujeiras, compra roupa nova, ao mesmo tempo que a mantém escondida e fora do olhar dos outros, afinal, aquela boneca era fruto de um furto. Nos flashbacks do filme, não aparecem cenas de Leda na infância brincando com a sua boneca. Às suas vivências com a boneca, aparecem apenas na sua fala, como memória afetiva que liga às suas filhas e sua mãe. Os significados em volta da boneca, fazem Leda retomar a um passado que funde momentos dela como filha e criança, retornando à época da sua criação, aos seus momentos como mãe.

Nesse contexto, aquilo que junta e atravessa gerações, toma o sentido para cada, a partir da história e o contexto que está inserida. As bonecas poderiam até serem iguais, mas os sentimentos por elas não. Para a personagem principal, a boneca pode ser efeito de uma herança de cuidados, daquilo que é do outro, das filhas e dela também. Em um dos flashbacks, mostra Leda dando a sua boneca de infância para a filha mais velha Bianca. A boneca aparenta estar bem cuidada e conservada. Todavia, Bianca age com a boneca de uma forma diferente do que Leda idealizava que ela iria brincar.

A boneca de Elena por dentro, estava suja e precisando de reparos, a boneca de Bianca fica toda riscada depois das brincadeiras com ela. É a personagem principal que se disponibiliza para consertar às duas, porém, o jeito de Leda lidar com as questões levaram a tomar decisões impulsivas, como furtar a boneca de Elena, e jogar pela janela a boneca de Bianca depois de um momento de fúria. A resquícios de Leda nas bonecas, em que revela assuntos sobre a sua maternidade e infância. Algo de Leda também foi perdido, e não foi na praia. Dessa forma, o comportamento de Leda, pode ser dito com um resgate, e não um furto. Leda repete seu ato de salvadora, tentando resgatar aquilo que era seu, ou achava que lhe pertencia. A boneca, no filme, entra com o símbolo que conecta mães e filhas, maternidades e mulheres.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A maternidade, ao longo do tempo, foi sendo modificada e moldada por modelos rígidos e idealizados. Tendo em vista que, o modelo produzido sobre a imagem de uma “boa mãe” é construído através dos discursos como os da Igreja, da medicina e do Estado, que disseminava sobre o instinto materno ser algo natural e inato a toda mulher. Dessa forma, a ideia do instinto materno seria algo que passa mais por uma transmissão de hábitos, costumes e trocas de experiências entre os grupos sociais, e por ser concebido como algo inerente à natureza da mulher, faz com que o termo amor materno seja visto como algo normativo e natural.

A gravidez sendo um fenômeno biológico e fisiológico corrobora para a ideia de que, as condições para exercer o papel de mãe como aquela que gesta seriam sentidas como atividade pré-formada, automática e necessária, dando assim um caráter universal à maternidade. Com isso, entende-se que às mulheres ao se tornarem mães, iriam encontrar as respostas sobre a maternidade, dentro delas como garantia. Porém, às experiências vividas pelas mulheres durante esse período, são marcadas por sentimentos por vezes ambivalentes, que percorrem momentos que implicam a vida de cada mulher, de maneira particular. Com a utilização do filme “A filha perdida”, foi possível delinear aspectos sobre o desejo, a maternidade, o meio social e o subjetivo, que serviram de auxílio para compreender como foram criadas as idealizações sobre a maternidade.

Através do filme, observando o enredo da trama, e a vivência das personagens mulheres, foi possível perceber de que forma o que lhe é imposto pelos seus corpos é experienciado por cada uma delas. A depender da idade, cultura, classe social, as perceptivas



sobre maternidade foram mostrando-se ser diferentes, à medida que, foram apresentados elementos complementares entre o que cada uma vivia e entendia sobre aquilo na sua vida. Os impactos subjetivos, foram possíveis serem debruçados de forma mais ampla pela história de Leda, personagem principal da história.

A partir da história de Leda e o enredo do filme, pode nos proporcionar a observação de um legado de várias gerações de mulheres que tiveram suas vidas repletas de normas, que violentam seus corpos. Às escolhas de Leda durante sua trajetória, denunciam as referências que teve ao longo da vida, e que ajudaram a constituir quem ela se tornou. Dona da sua história, a personagem principal remota ao seu passado através de flashbacks, que lhe levam a reviver momentos que lhe causam incômodo, mas que servem como instrumento de elaboração de sentimentos e vivências que causam impactos na personagem e no público. Através das suas falas e atitudes, Leda provoca uma quebra de paradigmas, referentes à imagem da 'boa mãe'. Ao mostrar seu lado criança, mulher, esposa, amante, mãe e filha, Leda apresenta aquilo que pode ser genuíno e autêntico, nas relações humanas.

Há nas mulheres do filme um enlace, de história e vivências, em que, uma se interessa pela história da outra. São nos diálogos em cena, que há a aproximação delas. A potência dessas se mostra através do compartilhamento de experiências de vida, que muitas vezes denunciam a fragilidade de modelos idealizados que vão sendo criados sobre a maternidade, matrimônio e família, ao longo da história do filme e na vida real.

No filme um símbolo importante para a trama, foram as bonecas das crianças. Para a personagem principal, esse item lhe proporcionava fazer resgates do seu passado. O brinquedo que no primeiro momento seduz Leda, também é objeto que traz angústia. Existe algo nas bonecas, que permitem a Leda reviver algo dela que foi perdido. Com isso, a de se observar que aquilo que faz Leda partir, se torna o mesmo motivo da sua volta. É na procura por algo que lhe falta, que movimenta Leda a viver e sustentar as diferentes escolhas que têm ao longo da sua história.

Portanto, o filme se mostra muito plural e repleto de assuntos pertinentes a serem mais trabalhados e explorados. Compreender aspectos da maternidade, mulher, desejo, subjetividade e o feminino faz criar um processo de reflexão a respeito de novas possibilidades e sentidos sobre esses conceitos que levam a observar padrões para poder rompê-los e de como esses padrões angustiam. Com isso, o filme serve como expositor de conteúdos latentes na sociedade, que atingem várias mulheres, destacando-se como um instrumento que possa dar voz a vivências que por vezes são silenciadas, ou não tem espaço e legitimação social para o seu sofrimento.

Observando a história de Leda, embora tenha uma vida atravessada por angústias e sofrimentos, é possível perceber que é uma mulher revestida por privilégios econômicos e sociais. De forma que, a personagem teve como optar por ficar longe das filhas, enquanto consegue fornecer uma rede de apoio para elas. Mulher branca, de classe média, que teve oportunidade de estudar e buscar trabalho, faz de a personagem fazer parte de um recorte da sociedade, que não engloba parte realidade da vida de muitas mulheres.

Por o filme ser inspirado no livro da escritora italiana Elena Ferrante (pseudônimo), o livro “A filha perdida”, pode servir para obter novos materiais acerca da temática da maternidade, como também, apresentar novos elementos e assuntos a serem abordados de outra maneira. Trazer elementos da literatura de um livro, pode ser um componente necessário e importante, que possibilitem servir como ferramentas para estudos mais aprofundados acerca do tema.

Posto isso, Leda consegue trilhar suas escolhas de forma ativa, enquanto tenta a todo momento dar lugar aos espaços que lhe fizeram falta ao longo de sua vida. É através das buscas de Leda, que se encontram novas histórias, culturas e mulheres. Mostrando que sempre haverá o que procurar, principalmente se tratando de pessoas, arraigadas de subjetividade. Uma história que me tocou como mulher, pois trouxe um novo olhar as pluralidades, violências e sofrimentos que permeiam a sociedade, quando o assunto estava voltado ao corpo de uma mulher.

## 5. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, K. R.; ARRAIS, A. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno (L'amour em plus)**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370p.

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

BRUZAMARELLO, D.; PATIAS, N. D.; CENCI, C. M. Ascensão profissional feminina, gestação tardia e conjugalidade. **Psicologia em Estudo [online]**, v. 24, p. 1-15, 2019.

CAFFÉ, M. Feminilidade e maternidade. *In*: TEPERMAN, D; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 49-64.

CAMPOS, T. B. **Psicanálise, Maternidade e Normatividade: Uma leitura crítica da feminilidade e maternidade na teoria freudiana**. 2012.184 f. Tese de Doutorado. **PUC-Rio**, Rio de Janeiro, 2021.

CARVALHO, J. P; SCHIAVON, A. A.; SACCO, A. M. **A romantização da maternidade: uma forma de opressão de gênero**, Ed. Sena Corpus, 2018.

COSSI, R. K. 2021. Masculinidade e paternidade. *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 33-48.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERNANDES, M. H. O corpo da mulher e os imperativos da maternidade. *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 79-94.

FIGUERÊDO, M.; ASFURA, L; ZANFORLIN, S. Gênero, controle e heteronormatividade: um olhar sobre o filme “Nunca Fui Santa”. *In*: **43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2020, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, S. **Feminilidade (1933)**. Ed. standard brasileira das obras completas, 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Sexualidade feminina (1931)**. Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas, 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.

HAMADA, L. R. dos S. Mãe, agora eu também sou...: estudo qualitativo sobre o impacto da maternidade de mulheres primíparas na qualidade da díade mãe-filha. 2014. 78 f. (Dissertação de Mestrado). **Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP**, Porto, Portugal, 2014.

IACONELLI, V. Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2012.

JACOMINI, A. C.; MAZZETTO, F. M. C.; FERREIRA, M. L. S. M.; SIQUEIRA, F. P. C.; MARIM, M. J. S. O puerpério tardio sob a ótica materna. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde/Investigación Cualitativa en Salud**, São Paulo, v. 2, p. 862, 2019.

JAQUETTI, R. C.; MARIOTTO, R. M. M. Maternidade contemporânea: novos significantes, velhos desejos. **Estilos clín.**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 50-57, 2004.

KLIPAN, M. L. Noção de feminilidade em Melanie Klein: subjetivações para além de um registro fálico. 2015. 224 f. Tese de doutorado. **Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista**, Assis, São Paulo, 2015.

LACERDA, N. Cartórios registram crescimento de mães solo no Brasil em cinco anos. São Paulo: **Brasil de fato**, 2022.

LEITE, N. V. de A.; SOUZA JÚNIOR, P. S. Corpo e língua materna. *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 39-51.

LIMA, C. Mulheres que não querem ter filhos são 239 mil no Estado. Espírito Santo: **Tribuna online**, 2022.

LIMA, D. S. F.; SANTOS, M. D. A.; BARBOSA, P. L. F. Os impactos da idealização da maternidade na saúde mental da mulher contemporânea. 2021. 42 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) - Faculdade de Psicologia, **Centro universitário UNA**, Belo Horizonte, 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. D. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, v. 8, n. 2, p. 1-17, 2015.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia (s). *In: VI CONGRESSO SOPCOM*, 2009, Lisboa. Anais... Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009.

ROSSI, J. P. G.; SANTOS, C. R. P.; BRESCANSIN, L. Y. “Entre o amor e o ódio”: contribuições do mito da “Medéia” de Eurípedes para o estudo da ambivalência materna. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 23, p. 153-174, 2020.

SILVA, M. E. F.; BRABO, T. S. A. M. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?. **Revista Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 127-140, set./dez., 2016.

SOARES, N. 6,31% das crianças nascidas em 2020 talvez nunca comemorem o Dia dos Pais. Goiás: **O hoje.com**, 2021.

SOUZA, A. L. F; POLIVANOV, B. "Ninguém fala do lado assustador de ser mãe": testemunho no Facebook enquanto ruptura de performances idealizadas da maternidade. **Revista Fronteiras**, v. 21, p. 41-51, 2019.

SOUZA, A. L. F. "Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!": narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais. Orientadora: Beatriz Brandão Polivanov. 2019. 216 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - **Universidade Federal Fluminense**, Niterói, 2019.

STELLIN, R. M. R; et al. Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 170-185, jun., 2011.

VIEIRA, C. A. L.; ÁVILA, A. A. Um olhar sobre o fenômeno da maternidade naturalista: refletindo sobre o processo de maternagem. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 2018.

WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**: obras escolhidas. (D. Bogmoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago, 2000 (Trabalho original publicado em 1956).